

# **José Maria Raposo de Amaral (1856-1919): Um progressista convicto?**

Tese de Doutoramento

Afonso Alberto Pereira Pimentel



Doutoramento em

**História Insular e Atlântica  
(Séculos XV – XX)**

# **José Maria Raposo de Amaral (1856-1919): Um progressista convicto?**

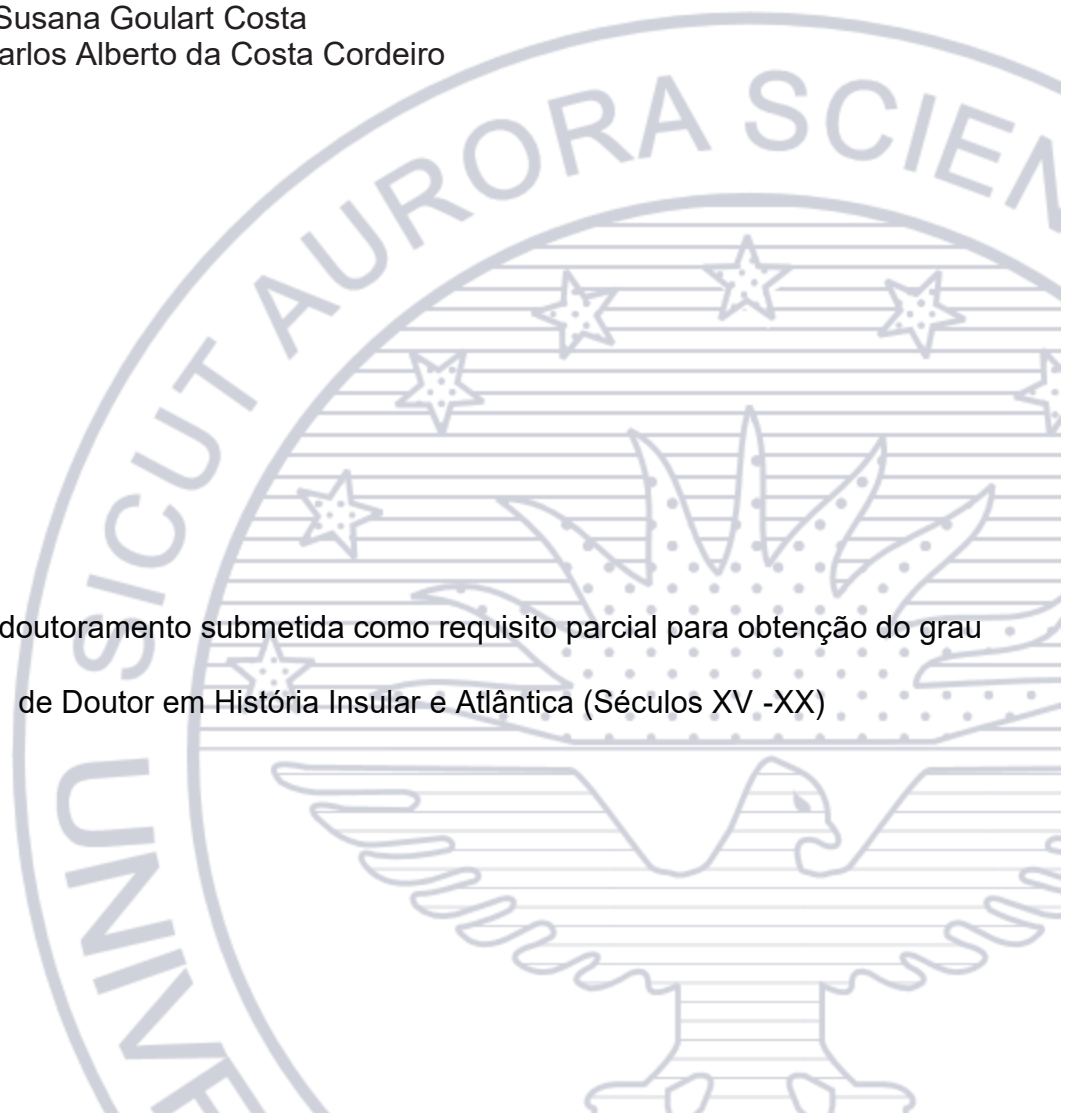
Tese de Doutoramento

Afonso Alberto Pereira Pimentel

## **Orientadores**

Doutora Susana Goulart Costa  
Doutor Carlos Alberto da Costa Cordeiro

Tese de doutoramento submetida como requisito parcial para obtenção do grau  
de Doutor em História Insular e Atlântica (Séculos XV -XX)







FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, FILOSOFIA E ARTES

*José Maria Raposo de Amaral (1856-1919):*

*Um progressista convicto*



## Resumo

Pelos múltiplos papéis que desempenhou - de dirigente partidário a autarca, de proprietário rural a industrial, de entusiasta da caça a impulsionador da piscicultura - José Maria Raposo de Amaral Júnior figura, sem dúvida, entre os homens cuja ação influenciou o quotidiano da ilha de S. Miguel num período que vai do último quartel de oitocentos às primeiras duas décadas do século XX.

Herdeiro de uma das mais ricas fortunas da maior ilha do Açores, Raposo de Amaral faz parte da elite micaelense, destacando-se no rol dos protagonistas do primeiro movimento autonómico dos Açores e do processo de industrialização de S. Miguel que lhe surge associado. O Senhor do Colégio, como é popularmente conhecido, está à testa dos projetos das indústrias do álcool, do açúcar e do chá, liderando, igualmente, empreendimentos tão diversos como o fornecimento e distribuição de água a Ponta Delgada, o povoamento piscícola das lagoas das Sete Cidades e Furnas ou a construção do Coliseu Avenida (hoje Micaelense).

Ora, a presente tese assume-se como uma das diversas narrativas possíveis sobre a vida de José Maria Raposo de Amaral, pretendendo-se, seja através do recurso ao testemunho direto do próprio, recolhido em milhares de cartas que escreveu e arquivou, seja com apoio de outras fontes da época ou trabalhos historiográficos já publicados, contribuir, complementarmente, para uma melhoria do conhecimento da história micaelense numa época marcada por grandes e aceleradas mudanças que culminariam na eclosão da Grande Guerra.

Palavras-chave: Biografia; Ilha de S. Miguel; Autonomia; Industrialização; Monarquia; República

## Abstract

For the multiple roles that he had - from party leader to autarch, from rural landlord to industrial owner, from hunter to fish farmer enthusiast - José Maria Raposo de Amaral Júnior was without any doubt a man who influenced São Miguel Island's lifestyle from the latest 19<sup>th</sup> century until the earliest 20<sup>th</sup> century.

Heir of one of the richest fortunes of the biggest Azorean Island, Raposo de Amaral took part of the island's elite. Back then, he was in the spotlight not only for being one of the protagonists of the first Azorean autonomic movement but also for promoting the process of industrialization of São Miguel. Known as "O Senhor do Colégio (the lord of the college)", he was involved in industries such as alcohol, sugar and tea as well as enterprises such as water distribution in the city, fish farming in Sete Cidades and Fogo lakes and the construction of the Avenida Coliseum (today called Micaelense Coliseum).

Thus, the current thesis presents itself as one possible narration of José Maria Raposo de Amaral's life. Being backed up by his testimony, a sum of thousands of letters written and storage by himself and also supported by other historical sources, such as previous publications, this work aims to improve the knowledge about, not only this man's life, but also about the period that saw so many changes that eventually led to the outbreak of the Great War.

Keywords: Bibliography, São Miguel Island, Autonomy, Industrialization, Monarchy, Republic.

## Agradecimentos

Em cerca de quatro décadas de exercício do jornalismo ganhei, (levianamente, é certo!), a convicção de que, mais do que os outros, estaria habilitado a prognosticar o futuro, mas nunca me ocorreu a ousadia do conhecimento do passado, apesar de um tal objetivo, árduo e seguramente de sucesso incerto, evidenciar um grau de probabilidade mais elevado.

Se para alguns os jornalistas podem ser encarados com os historiadores do dia a dia, a verdade é que a atividade das redações raramente permite a estes profissionais a elaboração de trabalhos de uma dimensão que ultrapasse a meia dúzia de páginas, desobrigando-os, portanto, de um esforço de contextualização e de detalhe que a narrativa histórica impõe, bloqueando-lhes, conseqüentemente, o acesso a uma prática produtiva regular de textos mais aprofundados que a compreensão do passado impõe.

Vêm esses considerandos a propósito da necessidade que se exige de expressar o reconhecimento aos que me ajudaram a ultrapassar os problemas de contexto que, em muito, dificultaram a tarefa de elaboração do trabalho que a seguir se apresenta:

Em primeiro lugar agradeço ao Doutor Carlos Cordeiro seja a sugestão do tema, a ajuda facultada em matéria de fontes e revisão do texto, ou/e, acima de tudo, o acompanhamento e estímulo permanente assegurado ao longo de todo o percurso académico;

À Doutora Susana Goulart Costa expresso reconhecimento pela constante disponibilidade e paciência reveladas durante mais de dois anos de pesquisas e de construção do presente texto, a que garantiu organização e coerência.

Agradeço à Biblioteca e Arquivo da Universidade dos Açores, nas pessoas da sua diretora à data das pesquisas aí efetuadas, Doutora Ana Cristina Correia Gil (minha orientadora de mestrado), que me auxiliou na escolha de bibliografia de contexto para a temática da biografia), e da Dr.<sup>a</sup> Maria de Lurdes Fernandes França Rocha, sempre

disponível na orientação das pesquisas de arquivo e na indicação de novas possíveis pistas de trabalho.

Expresso igualmente o meu apreço ao Eng.º Nicolau Ávares Cabral, descendente da família Raposo de Amaral, o ter franqueado o acesso a um valioso acervo fotográfico que conserva e do qual permitiu a utilização de algumas imagens.

Finalmente, agradeço à minha mulher que, ao longo de todo este tempo, se viu confrontada com o convívio e presença, por vezes indiscreta, das figuras e dramas da narrativa que a seguir se regista.

## Siglário

ARA - Arquivo Raposo de Amaral (C - José Maria Raposo de Amaral; D - José Maria Raposo de Amaral/filho; Y - Partido Progressista; ADP - Administração de Propriedade; DI - Documentos Individuais)

AGMS - Arquivo Mont' Alverne de Sequeira (GMS - Gil Mont' Alverne Sequeira)

ABS-JC - Arquivo Brum da Silveira-José do Canto (JC - José do Canto)

BPARPD/ACMPD - Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada, Câmara Municipal de Ponta Delgada

UACSD - Universidade dos Açores, Serviços de Documentação

VPGR/DROT-DsP - Vice-Presidência do Governo Regional, Direção Regional de Orçamento e Tesouro, Direção de Serviços do Património



## Índice

Introdução.....	11
1. A Biografia na História, a História da Biografia.....	11
2. Objetivos, fontes e metodologia.....	26
3. O(s) tempo(s) de José Maria Raposo de Amaral.....	32
Capítulo I :Um homem de família.....	53
1. As origens.....	53
2. O Júnior.....	70
3. O casamento e o infortúnio familiar.....	75
4. Nicolau, o sucessor.....	91
5. As filhas: uma trindade feminina.....	109
Capítulo II: Monárquico e autonomista.....	118
1. A "pátria" micalense e o primeiro decreto autonómico.....	119
2. Uma autonomia austera ao serviço do progresso e desenvolvimento.....	127
3. No município gestão de rigor e prioridade a obras com impacto social.....	132
4. Na luta política até ao fim da vida.....	138
5. Desencantado com o rei mas fiel à monarquia.....	162
Capítulo III: A agro-indústria e outros negócios.....	181
1. A indústria do álcool.....	182
2. Do álcool ao Açúcar.....	195
3. Chá: uma indústria de família.....	206
4. Tabaco - desinteresse e contestação inicial.....	215
5. Outros negócios num contexto socioeconómico difícil.....	218
Capítulo IV: Rico mas socialmente comprometido.....	241
1. As viagens.....	241
2. Interesses culturais, alimentação e luxos.....	247
3. O lazer.....	252
4. Indiferente a títulos.....	262
5. Morte precoce em vida saudável.....	269
6 Projeção de uma autoimagem.....	273
7. A memória dos outros.....	277
8. "Não temos por aí nada grande a que não esteja ligado o seu nome".....	290

Conclusão .....	305
Fontes .....	315
1. Fontes Manuscritas .....	315
2. Fontes Impressas .....	315
3. Periódicos .....	316
Bibliografia.....	318
Anexos.....	331
1. Genealogia da família Raposo de Amaral .....	331
2. Documentos da vida de José Maria Raposo de Amaral Júnior .....	335
3. Fotografias .....	347

## Introdução

### 1. A Biografia na História, a História da Biografia

Na introdução à biografia de D. Afonso Henriques que publicou em 2013, José Mattoso admite não ser possível traçar a história de vida de uma "personagem medieval sem uma grande dose de imaginação"<sup>1</sup>, ou porque "os dados documentais são quase sempre escassos e fragmentários"<sup>2</sup> ou porque as informações fornecidas nos textos narrativos se encontram em autores que "não se interessavam pelo comportamento pessoal dos seus protagonistas, mas pelo que eles representavam como símbolos de virtudes ou de vícios"<sup>3</sup>. Nos relatos biográficos medievais "as ações dos santos tinham de ser sempre edificantes e miraculosas; as dos reis, sempre justas e heroicas; as dos súbditos, sempre esforçadas e obedientes"<sup>4</sup>. Para fazer corresponder o relato aos objetivos alteravam-se os fatos, porque a função do texto residia na promoção da moral e dos valores.

Ana Martins, numa obra sobre a viagem de Antero de Quental à América (em 1869, longe de Idade Média), que procura contestar os relatos anteriormente publicados acerca do tema, denuncia a existência de "biografias recheadas de acontecimentos deturpados, retocados, ou mesmo inventados, quase sempre fruto da confusão, da fantasia, ou esquecimento de familiares e amigos dos biografados"<sup>5</sup>. A investigadora não alude à insuficiência de documentos escritos relativos à viagem, aponta antes a falta de crédito de "testemunhas imprescindíveis e com referência obrigatória em publicações cujo conteúdo se torna difícil pôr em causa"<sup>6</sup>. Para o caso concreto de Antero de Quental, Ana Martins considera que o poeta e pensador açoriano foi "vítima desses certamente bem intencionados amigos, como várias passagens do seu *In Memoriam* claramente o demonstram", pois esse livro, "através de várias das suas páginas, ajudou na construção de um retrato fictício de um Antero transformado em personagem lendária, quase hagiográfica por vezes, e sem qualquer veracidade".<sup>7</sup>

---

<sup>1</sup> MATTOSO, 2013, p.9.

<sup>2</sup> Ibidem.

<sup>3</sup> Ibidem

<sup>4</sup> Ibidem

<sup>5</sup> MARTINS, 2011, p. 14.

<sup>6</sup> Ibidem.

<sup>7</sup> MARTINS, 2011, p. 14.

No final da década de 1930, Antoine Roquentin, herói do primeiro romance de Jean-Paul Sartre, *A Náusea*, acaba por desistir de um projeto que alimentava há anos: escrever a biografia do marquês de Rollebon. A conclusão a que chega é de que o texto que constrói não passa de uma emanção de si próprio, assumindo-se como instrumento unificador dos seus conhecimentos individuais. E "não são os documentos que faltam: cartas, fragmentos de memória, relatórios secretos, arquivos da polícia. Pelo contrário, tenho documentos de mais. O que falta em todos estes testemunhos é firmeza, consistência"<sup>8</sup>. Após longas pesquisas, Roquentin constata que, do lado do seu biografado, "não vem uma mínima luz. Lentos, preguiçosos, os fatos conformam-se mais ou menos com que a ordem que entendo dar-lhes; mas o marquês permanece-lhes exterior. Fica-me a impressão de fazer um trabalho de imaginação pura. E, mesmo assim, tenho a certeza de que personagens de romance pareceriam mais verdadeiras: seriam, em todo o caso mais divertidas"<sup>9</sup>. O herói de Sartre alarga o seu ceticismo ao próprio valor da História, considerando que ao refletir-se de mais sobre o tema se "corre o risco de perder o gosto por ela [História]"<sup>10</sup>.

Embora com argumentos diferentes, José Mattoso, Ana Martins e a personagem central do romance de Jean-Paul Sartre põem sobretudo em causa a veracidade das biografias, questão que não é despicienda se o objetivo do relato de vida pretender ajudar à compreensão de acontecimentos reais e formas de pensar e de agir de uma época determinada.

Os estudiosos não estão, porém, todos do mesmo lado na relevância da escolha da verdade como motivo central das biografias. Peter St. Clair e William France, por exemplo, na introdução a uma obra editada em 2004 pela Academia Britânica para celebrar o centenário da instituição, propõem que os biógrafos devem encarar a elaboração de trabalhos biográficos como "empresa suspeita". Convém, aliás, tomar esse desiderato como a "qualidade que lhe dá um interesse primordial, tanto para escritores como para leitores, encorajando a produção permanente de novas biografias dos famosos (e ocasionalmente de desconhecidos), pois nada do que é produzido pode ser definitivo"<sup>11</sup>

O essencial da biografia residirá, nesta perspetiva, em contar uma história, seguindo factos confirmados e desvendando os comportamentos psicológicos plausíveis

---

<sup>8</sup> SARTRE, 1981, p. 22.

<sup>9</sup> Idem, p. 23.

<sup>10</sup> Idem, p.92.

<sup>11</sup> ST. CLAIR, 2004, p.2.

do biografado. Apenas no compromisso com os factos se encontrará a principal diferença entre a biografia e o romance, escapando à narrativa biográfica o propósito da fixação de uma verdade definitiva.

Mas o carácter provisório da verdade da biografia não será muito diferente daquele que caracteriza a historiografia em geral, pois se "O passado é, por definição, um dado que coisa alguma pode modificar, [...] o conhecimento do passado é coisa em progresso, que ininterruptamente se transforma e se aperfeiçoa"<sup>12</sup>. Conforme sustenta Marc Bloch, um dos principais impulsionadores da primeira fase da escola dos *Annales*, movimento lançado em 1929 por dois jovens professores da Universidade de Estrasburgo (Marc Bloch e Lucien Febvre), que marcou as práticas historiográficas dos países de influência francófona por quase todo o século XX:

“As novas tecnologias e as novas descobertas permitem melhor entender o passado, mas as esperanças de tudo conhecer não são ilimitadas. Aquele sentimento de progressão verdadeiramente indefinida que se colhe de uma ciência como a Química [capaz de criar até o seu próprio objeto] não o temos. Porque os exploradores do passado não são homens inteiramente livres. É seu tirano o passado, que só lhes consente saberem de si o que ele próprio [propositadamente ou não] lhes confiou. Nunca poderemos elaborar uma estatística dos preços da época merovíngia, porque nenhum documento os registou em número suficiente. Jamais penetraremos tão bem a mentalidade dos homens do século XI europeu, por exemplo, como podemos fazê-lo em relação aos contemporâneos de Pascal ou Voltaire; porque não temos daqueles nem cartas [particulares] nem confissões; porque não temos de alguns deles senão más biografias em estilo convencional”<sup>13</sup>.

Ora, como se percebe, na lógica de uma tal argumentação não serão as dúvidas acerca da verdade subjacente à sua narrativa biográfica que explicarão o declínio do género biográfico enquanto narrativa histórica. Muito antes dos *Annales*, o domínio de uma História de carácter biográfico, desenvolvida em torno do relato da vida e dos feitos já tinha perdido a sua dimensão hegemónica. A desvalorização da biografia surge associada à distinção estabelecida, a partir de finais do século XVIII, entre social e o individual e ao privilégio atribuído, sobretudo a partir da centúria seguinte, ao estudo da evolução material da humanidade.

---

<sup>12</sup> BLOCH, 1997, p. 109.

<sup>13</sup> Idem, p. 110.

A escrita de biografias surge documentada em muitas culturas e períodos, datando, por exemplo da Idade Média (século XIII), histórias de vida de reis de várias regiões, incluindo nórdicos, e de religiosos como Santo Anselmo, São Tomás de Aquino ou São Francisco. É, todavia, a partir do Renascimento, por via da herança greco-romana e com a valorização do indivíduo, que o género biográfico assume particular relevo. Petrarca relata a vida de romanos famosos; Bocaccio conta as vidas de mulheres ilustres, de Dante e do próprio Petrarca escreve Leonardo Bruni<sup>14</sup>, enquanto Giannozzo Manetti se ocupará de Sócrates<sup>15</sup>.

Embora tendo origem em Itália, onde se destaca a publicação de relatos de vida escritos por Maquiavel ou Tito Livio Frulovisi, a dinâmica que os ideais do Renascimento imprimiram ao género biográfico alargou-se a toda a Europa, surgindo, na Inglaterra, biografias sobre Thomas More, cardeal George Cavendish e Philip Sidney e, na França, sobre Inácio de Loyola, Guillaume Budé e Catarina de Medici.

Enquanto no mundo antigo a maioria dos biografados eram governantes e filósofos, a partir do Renascimento os relatos de vida estendem-se a mulheres e artistas, abrangendo, também, figuras de outras culturas que não a de origem judaico-cristã. Além do mais, entre os séculos XV a XVII, muitas das biografias surgem sob a forma de oração fúnebre apresentada por ocasião da morte do biografado e publicadas posteriormente. No caso dos escritores, torna-se frequente as suas histórias de vida serem incluídas como prefácios das respetivas obras, as quais ajudariam a explicar.

No que à orientação de base das biografias diz respeito, os humanistas da Renascença tomaram de herança a distinção entre as narrativas histórica e biográfica estabelecida na Grécia antiga por Plutarco, na sua biografia de Alexandre o Grande: enquanto à história competia a descrição de acontecimentos públicos, nos relatos de vida cabiam referências tanto da esfera privada, como da pública. Na argumentação de Petrarca, o género biográfico deveria preocupar-se com a vida interior do biografado, realçando pormenores que a pudessem revelar<sup>16</sup>.

---

<sup>14</sup> BRUNI, Leonard (2009), *Vidas de Dante I de Patrarca*, Marid, Adesiara.

<sup>15</sup> MANETTI, Giannozzo (1994), *Vida de Sócrates*, Lisboa, Edições Clássicas.

<sup>16</sup> Além das obras citadas, consultaram-se para abordagem da temática, entre outras as seguintes publicações: BOURDIEU, Pierre (1983), *L' ilusion Biografique*, Paris, Éditions de Minuit; CARINO, Jonaedson (1999), "A biografia e a sua instrumentalidade educativa", in *Educação e Sociedade XX*, N.º 67, Rio de Janeiro, Universidade Estadual do Rio de Janeiro; FERROTTI, Franco (1980), "Les biographies comme instrument analytique et interprétatif", in *Cahiers Internacionau de Sociologie, Vol. 60*, Paris, Presses Universitaire de France; MADELÉNAT, Daniel (1984), *La Biographie*, Paris, Presses Universitaires de France e ZIMMERMAN, Tânia Regina e MEDEIROS Márcia Maria de (2004), "Biografia e Género: repensando o feminino", in *Revista de História Regional*, Mato Grosso do Sul, Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

Os princípios da biografia desenhados a partir do Renascimento manter-se-ão no essencial até Oitocentos, assumindo a biografia histórica especial relevo até meados do século XIX, graças à influência dos românticos, que sobrevalorizam o indivíduo e o sentimento privado, a par do processo de construção das nacionalidades que determinaram a necessidade de valorização dos heróis nacionais. Porém, ao longo da centúria, começa a ganhar preponderância uma historiografia social e económica de dimensão global, que procura descrever épocas alongadas, face à qual a vida, mesmo a de grandes homens, surge diluída e sem grande influência. Na perspetiva dos autores marcados primeiro pelo pensamento positivista, defensor da dimensão científica da História, e, depois, pelo marxismo, "a história [herdada] era, antes da mais, uma crónica dos chefes. Era às vicissitudes da soberania que ele [o historiador que o antecedeu] pedia tradicionalmente as articulações da sua narrativa: quando pelo menos não se contentava, reduzindo-se a uma analítica, com o arrastar-se coxeando de milésimo em milésimo"<sup>17</sup>.

Assim, a partir do final do século XIX, a preocupação dos historiadores concentra-se no estudo de épocas recuadas em que teriam origem as nações, cuja existência se procurava legitimar, e na descoberta das regras que teriam permitido a formação e sobrevivência dos países, perdendo dimensão tanto a abordagem da realidade contemporânea como as histórias de vida. Fundado na crença do progresso continuado do conhecimento, o pensamento positivista do final da centúria acentua a convicção de que a emergência das ciências sociais e da sociologia desacreditaram a influência do livre arbítrio na determinação da evolução histórica, explicada, antes, por leis de valor idêntico às validadas para a explicação dos fenómenos naturais. Nessa linha, como releva Fernando Catroga, "não admira que o cientismo positivista desvalorizasse tanto o acaso como o papel dos 'grandes homens'".<sup>18</sup>

Em termos temporais, e mesmo no que se refere ao que se chamou "Nova História" surgida em torno dos *Annales* nos anos de 1930, a época tratada continua a ser o que vai do Renascimento aos tempos modernos, um longo período que se alarga do século XV ao XIX e que tem por marcos relevantes a tomada de Constantinopla pelos turcos, em 1453, e o início da Revolução Francesa em 1789. Para tal opção para a qual Pierre Nora avança a seguinte justificação:

---

<sup>17</sup> BLOCH, 1997, p.183.

<sup>18</sup> CATROGA, 1996, p.93.

“Primeiro porque se operou uma renovação na Histórica Económica e porque as fontes desta História só existem a partir do Renascimento. Acessoriamente, a constituição dos Estados modernos fornecia os elementos de uma História quantitativa. Por outro lado, neste princípio do século XX, começava a sociedade tradicional e clássica a desenraizar-se profundamente, e a percepção deste fenómeno impunha a confrontação com o período imediatamente precedente, que não era exatamente o mesmo nem totalmente diferente, mas que já parecia fornecer o campo de um Etnologia relativamente à nossa própria sociedade”.<sup>19</sup>

Mobilizados por um projeto com novos horizontes, nos quais a economia ganha foros de quase hegemonia, os historiadores dos *Annales*, tanto da primeira fase do movimento (Bloch e Febvre) como da segunda (Fernand Braudel), ignoram as personagens da História, não deixando de ser sintomática a ausência completa de biografias editadas na sua revista de referência<sup>20</sup>, como sublinha Miriam Pereira:

“A comparação dos temas dominantes nas duas principais revistas francesas, os *Annales* e a *Revue Historique*, esta última ligada ao grupo dos historiadores positivistas, permite apreciar a transformação em curso, tanto como a resistência à mudança. Entre 1929 e 1939, na *Revue Historique*, 69,4 % dos artigos pertencia ao âmbito da história política, militar, religiosa, ou ao género biográfico. Em contraste, nos *Annales*, 77% dos artigos eram de história económica. De notar a total ausência do género biográfico nesta jovem revista, virtude que se tornará pecado, em olhares mais recentes. Será uma das principais críticas que lhe serão dirigidas nos tempos mais recentes, associada ao desprezo pelo político, crítica algo menos justificada, pois apesar de tudo à história política pertencia 15% dos artigos”.<sup>21</sup>

O tratamento de privilégio garantido às temáticas económica e social não é estranho ao relevo atribuído pelo marxismo à produção e à organização da sociedade como fatores da dinâmica histórica, surgindo igualmente associada às teorias defendidas por Marx tendentes à valorização do conceito de estrutura. A opção pela historiografia económica e social implica, por exemplo, uma nova dimensão temporal no tratamento

---

<sup>19</sup> NORA, 1983, pp. 51-52.

<sup>20</sup> Apesar da orientação geral adotada pelos historiadores dos *Annales*, Febvre escreve, por exemplo, as biografias de Lutero e Rabelais, ainda que inserindo-os no contexto das respetivas sociedades e chamando a atenção para a importância de um tal enquadramento.

<sup>21</sup> PEREIRA, 2010, p. 30.



udas matérias, pois "A análise de tendências conjunturais e ainda mais o estudo do crescimento exigem um tempo longo e muito longo. Esta foi uma das inovações, ligada à quantificação. A Braudel (1958) se deve um estudo sobre o tempo longo, hoje um clássico da historiografia. A esta dimensão temporal atribuiu Braudel a especificidade da História, em contraste com as outras ciências sociais, reduzidas ao tempo curto e indiferentes ao conceito de tempo em si mesmo"<sup>22</sup>.

A partir da década de 1970, a terceira fase dos *Annales*, desenvolvida depois da publicação da obra, em três volumes, *Fazer a História*, organizada por Jacques Le Goff e Pierre Nora, principais impulsionadores do movimento em França, a ênfase passa para as pesquisas e narrativas sobre os povos e as mentalidades. Pelos diferentes conteúdos que se propõe abordar, a nova tendência historiográfica, dinamizada no Reino Unido por várias revistas, nomeadamente pela *Past and Present*, abre caminho ao ressurgimento da biografia na construção da História. A biografia passa a ser encarada como um dos meios de acesso ao universal e o interesse pelo indivíduo assume, agora, um carácter instrumental, permitindo o entendimento dos comportamentos e dos quadros mentais. Para os historiadores da nova fase da *Nova História*, em que a antropologia surge valorizada, a biografia histórica deve assumir-se como relato, narração de uma vida articulada em torno de acontecimentos individuais e coletivos. Este novo tipo de entendimento parte do pressuposto de que, embora condições de vida desiguais marquem os percursos das existências individuais, há espaço para que os homens se possam movimentar socialmente, promovendo mudanças ainda que pequenas nos meios em que se movem. Por outras palavras, reconhece-se que a atividade individual pode não ser irrelevante para o despoletar dos acontecimentos e para o curso da História, o que representa uma cedência em relação ao pressuposto do domínio absoluto do coletivo e do longo prazo na evolução do processo histórico. Mas é também a forma como se encara o acontecimento, especialmente quando se escreve a História contemporânea que enfrenta a mudança, como sustenta Pierre Nora:

“Toda a historiografia contemporânea, a 'Nova História', a da escola dos *Annales* pretendia minimizar o acontecimento, considerado como uma bolha à superfície da História, manipulada por correntes muito profundas, de longa duração. Ora quando se está imerso no atual, numa História de que é difícil dar a data de nascimento, mas que se sabe que é a nossa para o melhor e para o pior, o caminho parece-nos o inverso:

---

<sup>22</sup> Idem, p. 36.

confrontamo-nos inelutavelmente com os acontecimentos, mesmo que pareça que se trata, por vezes, de falsos acontecimentos”.<sup>23</sup>

No mesmo sentido se pronuncia Jacques Le Goff, numa longa entrevista concedida, na década de 1990, a Francesco Maiello. Questionado sobre a importância dos acontecimentos na análise histórica, comenta o autor gaulês:

“Pessoalmente não considero que a bandeira do anti acontecimental seja uma boa bandeira para o historiador. Por muito longos que possam ser os tempos de uma mudança, é em última análise neles que o historiador deve estar interessado. Mas na realidade o que Febvre e Bloch combatiam através do acontecimento era um certo conteúdo da história de então: uma história só política, diplomática, militar, que não era e não podia ser a história do profundo. Tratava-se, tomando o partido de Febvre e Bloch, de ser contra a história da superficialidade”.<sup>24</sup>

No sentido do aprofundamento do conhecimento histórico, e comentando o debate desenvolvido nos países anglo-saxónicos sobre a possibilidade de a história fornecer explicações, Goff precisa a forma como encara a tarefa do historiador contemporâneo: “[ele] não pode parar numa história puramente narrativa”, porque o que o “cultor das ciências históricas pede já não parece que sejam lições, mas explicações”<sup>25</sup>

A procura de explicações justifica uma crescente revalorização tanto da historiografia política como da biografia, perdendo o exclusivo da condição de ciência a história quantitativa dos períodos alongados e das grandes sínteses. A par disso, ou em consequência disso, regressa o texto de carácter narrativo. Como sustenta Benito Schmidt “Já em 1979 Lawrence Stone [historiador britânico coautor, com Christopher Hill, dos livros sobre a 'revolução inglesa'] proclama a volta da história narrativa, que se diferenciaria da história estrutural por ser mais descritiva e por direccionar o seu enfoque ao homem e não às circunstâncias”<sup>26</sup>. O mesmo autor assinala, ainda, o aparecimento de uma preocupação com os aspetos retóricos dos seus trabalhos. Apesar do debate gerado em torno das novas opções historiográficas, a verdade é que, a partir do último quartel

---

<sup>23</sup> NORA, 1983, p. 47.

<sup>24</sup> GOFF, S/d, pp. 21-22.

<sup>25</sup> Idem, p. 90.

<sup>26</sup> SCHMIDT, 2014, p. 194.

do século XX, parece estabelecer-se um consenso entre os vários investigadores quanto ao estilo a adotar na produção dos textos de temática histórica:

“O historiador não pode ser mais indiferente às figuras de linguagem que aciona, aos recursos estilísticos que utiliza, aos tempos verbais que entrecruza, pois são eles que dão sentido à narrativa e não algo que é exterior a ela. Além disso, mesmo um leigo pode perceber fortes mudanças na narrativa histórica recente: um estilo mais agradável, uma presença mais explícita da subjetividade do autor, uma construção detalhada dos personagens (que deixam de ser apenas exemplos de interpretações gerais para se tornarem elementos centrais na explicação das tramas históricas)”.<sup>27</sup>

Na prática, parece assistir-se a um movimento no sentido da aproximação da História à Literatura, dele fazendo parte o retorno da biografia histórica, isto é, da produzida por historiadores e referente a figuras históricas. Mas a biografia que agora se publica surge claramente definida por contraposição, por exemplo, ao romance histórico, de que se diferencia por evidenciar uma menor liberdade criativa, um maior respeito pelos documentos e a necessidade de citações de fontes. Porém, para os partidários da *Nova História*, o texto biográfico de carácter histórico só fará sentido se evidenciar uma articulação de acontecimentos individuais e coletivos, ou seja, se o relato enquadrar a ação do indivíduo no contexto do social.

Em contraponto à biografia antiga, uma narrativa de carácter linear destinada a exaltar heróis e santos que já na infância revelavam tendências virtuosas, desafiam-se

"os biógrafos da atualidade a capturar os personagens enfocados a partir de diferentes ângulos, construindo-os não só de uma maneira coerente e estável, mas levando em conta as suas hesitações, incertezas, incoerências, transformações. Isso implica também o abandono da linearidade cronológica [...], obrigando a lidar com diferentes temporalidades: tempo 'contextual' (o panorama político, económico, cultural), tempo familiar, tempo interior, tempo da memória, etc".<sup>28</sup>

Dotados de novas ferramentas, nomeadamente dos conhecimentos da psicanálise, os biógrafos contemporâneos não escapam, por exemplo, à influência das teorias de Sigmund Freud nas perguntas que se levantam a si e aos documentos que

---

<sup>27</sup> Idem, p. 195.

<sup>28</sup> SCHMIDT, 2014, p. 197.

trabalham. E, como para Freud, no estudo do indivíduo se coloca "não apenas a questão da abordagem psicológica sistemática, mas também o problema da interpretação dos comportamentos enquanto emanção do subconsciente"<sup>29</sup>, a tarefa dos autores de biografias complexifica-se cada vez mais. É neste quadro que também se alargam os domínios da biografia, como releva Schmidt:

“Nos últimos anos, alguns historiadores têm procurado examinar facetas diferenciadas dos personagens e não apenas, como nas biografias tradicionais, a sua vida pública e os seus 'feitos notáveis'. Assim, emergem nos seus textos, entre outros aspetos, os sentimentos, o inconsciente, a cultura, a dimensão privada e o quotidiano”.<sup>30</sup>

Na narrativa sobre a vida do biografado parece adotar-se, como sugere o mesmo autor, o tratamento seguido por Fernando Pessoa na criação das diferentes personalidades literárias que encarnam a sua obra. Com recurso a "heterónimos" - Ricardo Reis, Alberto Caeiro e Álvaro de Campos, investidos nas condições de clássico, bucólico e homem de vanguarda, respetivamente - Pessoa distribuiu por personagens distintas, para as quais criou biografias, descrições físicas, estilos e até caligrafia próprios, traços de personalidade que poderiam conviver num único indivíduo. O processo criativo seguido na literatura pelo autor do *Livro do Desassossego* será muito diferente das técnicas assumidas pela biografia histórica contemporânea que, ao explorar as variadas facetas de uma mesma personalidade, procura fazer luz acerca da sua experiência de vida e estabelecer, de forma coerente e documentada, o perfil do indivíduo em causa. Embora se esteja perante tarefa difícil, a elaboração de uma biografia coerente e documentada não se revela de todo impossível, como admite Marc Bloch:

“Quantos homens levam, em três ou quatro planos diferentes, várias vidas que desejam distintas e que não conseguem, por vezes, manter como tal? Daí, no entanto, a negar-se a profunda unidade do *eu* e as constantes interpretações das suas atitudes há uma grande distância. Seriam um para o outro dois estranhos, o Pascal matemático e o Pascal cristão? [...]. Mesmo quando os papéis são alternadamente desempenhados pelo ator único parecem opor-se tão brutalmente como as personagens estereotipadas

---

<sup>29</sup> WALTER, 2004, p. 321.

<sup>30</sup> SCHMIDT, 2014, p. 198.

de um melodrama, é possível que, vista de perto, a antítese seja apenas a máscara de uma solidariedade mais profunda”.<sup>31</sup>

Ao biógrafo contemporâneo coloca-se, portanto, o desafio de procurar descobrir, com recurso à análise rigorosa da documentação legada pelo próprio, por aqueles com quem se relacionou e pela época em que viveu, essa "solidariedade profunda" que vai garantir a coerência de um percurso de vida. Num processo em que a ponderação da interação de múltiplos fatores e influências se revela fundamental à construção da imagem coerente do biografado, importa ter presente tanto o peso do ambiente social como o da época:

“Uma sociedade, a bem dizer, raramente é una. Decompõe-se em meios diferentes. Em cada um deles, as gerações nem sempre se sobrepõem: as forças que agem sobre um jovem operário exercer-se-ão fatalmente, pelo menos com uma intensidade igual, sobre um jovem camponês? Acrescentemos, mesmo nas sociedades mais bem soldadas, a lentidão da propagação de determinadas correntes. 'Éramos românticos na província na época da minha adolescência, enquanto Paris já tinha deixado de o ser', dizia-me o meu pai, nascido em Estrasburgo no ano de 1848. Frequentemente, aliás, como neste caso, a oposição reduz-se, sobretudo, a um desfasamento. Quando, portanto, falamos desta ou daquela geração francesa, evocamos uma imagem complexa, e às vezes com sua discordância - mas de que é natural fixar, antes de mais, os elementos verdadeiramente diretores”.<sup>32</sup>

Não obstante o seu desígnio surja centrado no propósito de retratar e explicar um percurso de vida pessoal, as biografias fornecem simultaneamente ao leitor o contexto geracional e de sentido de pertença do biografado, permitindo-lhe satisfazer a curiosidade acerca de matérias de natureza histórica. Evidenciando um caráter comparável à do género literário de massas moderno - o romance - a biografia possui sobre ele a vantagem de um realismo assegurado pela citação de fontes. Como sustentam Peter St. Clair e William France, é por isso que, na atualidade, nenhum género de escrita parece mais cultivado, mais útil e mais delicioso do que a biografia,

---

<sup>31</sup> BLOCH, 1997, p. 168.

<sup>32</sup> Idem, p. 188.

que fala ao coração com um interesse tão irresistível, que difunde a instrução entre pessoas das várias condições.<sup>33</sup>

A crescente popularidade da biografia em geral, e da biografia histórica em particular, surge confirmada pelos níveis de vendas das obras do género do Brasil ao Reino Unido, de França a Portugal, conforme atestam as listas de livros mais vendidos nas livrarias e as páginas dos jornais.<sup>34</sup> No caso português, sublinha-se a edição pelo Círculo de Leitores, a partir de 2013, de 53 biografias respeitantes a todos os reis, rainhas e consortes reais desde a fundação do País.<sup>35</sup> A elaboração desse vasto conjunto

---

<sup>33</sup> ST. CLAIR, 2004, p. 2.

<sup>34</sup> Ibidem.

<sup>35</sup> Dirigida por Roberto Carneiro, com coordenação científica de Artur Teodoro de Matos e João Paulo Oliveira o Costa, a coleção de biografias dos reis portugueses inclui os seguintes títulos: MATTOSO, José (2013), *D. Afonso Henriques*, Lisboa, Ciclo de Leitores; BRANCO, Maria José Violante (2011), *D. Sancho I*, Lisboa, Ciclo de Leitores; VILAR, Herminia Vasconcelos (2010), *D. Afonso II*, Lisboa, Círculos de Leitores; FERNANDES, Hermenegildo (2012), *D. Sancho II*, Lisboa, Ciclo de Leitores; VENTURA, Leontina (2012), *D. Afonso III*, Lisboa, Ciclo de Leitores; PIZARRO, José Augusto de Sotto Mayor (2005), *D. Dinis*, Lisboa, Ciclo de Leitores; SOUSA, Bernardo Vasconcelos e (2011), *D. Afonso IV*, Lisboa, Ciclo de Leitores; PIMENTA, Cristina (2005), *D. Pedro I*, Lisboa, Ciclo de Leitores; GOMES, Rita Costa (2010), *D. Fernando*, Lisboa, Ciclo de Leitores; COELHO, Maria Helena da Cruz (2010), *D. João I*, Lisboa, Ciclo de Leitores; DUARTE, Luís Miguel (2011), *D. Duarte*, Lisboa, Ciclo de Leitores; GOMES, Saul António (2012), *D. Afonso V*, Lisboa, Ciclo de Leitores; FONSECA, Luís Adão (2005), *D. João II*, Lisboa, Ciclo de Leitores; COSTA, João Paulo Oliveira e (2005), *D. Manuel I*, Lisboa, Ciclo de Leitores; BUESCU, Ana Isabel (2005), *D. João III*, Lisboa, Ciclo de Leitores; CRUZ, Maria Augusta Lima (2012), *D. Sebastião*, Lisboa, Ciclo de Leitores; POLÓNIA, Amélia (2011), *D. Henrique*, Lisboa, Ciclo de Leitores; BOUZA, Fernando (2010), *D. Filipe I*, Lisboa, Ciclo de Leitores; OLIVAL; Fernanda (2011), *D. Filipe II*, Lisboa, Ciclo de Leitores; OLIVEIRA, António de (2005), *D. Filipe III*, Lisboa, Ciclo de Leitores; CUNHA, Leonor Freire Mafalda Soares da (2012), *D. João IV*, Lisboa, Ciclo de Leitores; CARDIM, Ângela Barreto Xavier Pedro (2012), *D. Afonso VI*, Lisboa, Ciclo de Leitores; LOURENÇO, Maria Paula Marçal (2012), *D. Pedro II*, Lisboa, Ciclo de Leitores; SILVA, Maria Beatriz Nizza (2012), *D. João V*, Lisboa, Ciclo de Leitores; MONTEIRO, Nuno Gonçalo (2012), *D. José*, Lisboa, Ciclo de Leitores; RAMOS, Luís de Oliveira (2012), *D. Maria I*, Lisboa, Ciclo de Leitores; COSTA, Jorge Pedreira Fernando Dores (2012), *D. João VI*, Lisboa, Ciclo de Leitores; SANTOS, Eugénio dos (2012), *D. Pedro IV*, Lisboa, Ciclo de Leitores; FERREIRA, Maria de Fátima Sá e Melo, LOUSADA Maria Alexandre (2013), *D. Miguel*, Lisboa, Ciclo de Leitores; BONIFÁCIO, Maria de Fátima (2010), *D. Maria II*, Lisboa, Ciclo de Leitores; MÓNICA, Maria Filomena (2010), *D. Pedro V*, Lisboa, Ciclo de Leitores; SILVEIRA, Luís Nuno Espinha da, FERNANDES, Paulo Jorge (2013), *D. Luís*, Lisboa, Ciclo de Leitores; RAMOS, Rui (2013), *D. Carlos*, Lisboa, Ciclo de Leitores e PROENÇA, Maria Cândida (2011), *D. Manuel II*, Lisboa, Ciclo de Leitores.

A coleção respeitante a rainhas e reis consorte, coordenada por Ana Maria Rodrigues, Isabel dos Guimarães Sá e Manuela Santos Silva compõe-se dos títulos: AMARAL, Luís Carlos, BARROCA, Mário Jorge (2012), *A condessa-rainha, Teresa*, Lisboa, Ciclo de Leitores; MARQUES, Maria Alegrias Fernandes, DIAS, Nuno Pizarro, SÁ-NOGUEIRA, Bernardo de, VARANDAS, José, OLIVEIRA, António Resende de (2012), *As primeiras rainhas, Mafalda de Mouriana, Dulce de Barcelona e Aragão, Urraca de Castela Mecia Lopes de Haro, Beatriz Afonso*, Lisboa, Ciclo de Leitores; ANDRADE, Maria Filomena (2012), *Rainha Santa, mãe exemplar, Isabel de Aragão*, Lisboa, Ciclo de Leitores; MENINO, Vanda Lourenço, COSTA, Adelaide Perrira Millán da (2012), *A rainha, as infantas e a aia, Beatriz de Castela, Branca de Castela Constança Manuel, Inês de Castro*, Lisboa, Ciclo de Leitores; Baleiras, Isabel de Pina (2012), *Uma rainha inesperada, Leonor Teles*, Lisboa, Ciclo de Leitores; SILVA, Manuela Santos (2012), *A rainha inglesa de Portugal, Filipa de Lencastre*, Lisboa, Ciclo de Leitores; RODRIGUES, Ana Maria S. A. (2012), *As tristes Rainhas, Leonor de Aragão, Isabel de Coimbra*, Lisboa, Ciclo de Leitores; SÁ, Isabel dos Guimarães (2011), *De princesa a rainha-velha, Leonor de Lencastre*, Lisboa, Ciclo de Leitores; SÁ, Isabel dos Guimarães, COMBET, Michel (2012), *Rainhas consortes de D. Manuel I, Isabel de Castela, Maria de Castela, Leonor de Áustria*, Lisboa, Ciclo de

de títulos, que atualiza o conhecimento sobre as famílias coroadas em Portugal, mobilizou dezenas de investigadores e historiadores das mais variadas instituições e universidades nacionais.

Tradicional seguidor das tendências culturais francesas, Portugal regista também um retorno do interesse pela historiografia política e pelo género biográfico. Mas, como refere Amado Mendes, do que se trata é de escrever uma "nova biografia", com contornos claramente estabelecidos a partir de meados da década de 1980:

“A 'nova biografia', além de procurar afastar-se do terreno do elogio - dentro dos riscos e limitações que tal domínio historiográfico comporta - procura igualmente utilizar os seguintes meios: uso de diversos tipos de fontes (como as próprias fontes orais, nas chamadas 'histórias de vida'); recurso à interdisciplinaridade (com destaque para a psicologia e a sociologia); diversificação da metodologia, incluindo a própria autobiografia e a 'biografia' dos grupos, isto é, a prosopografia. Também diferentemente do que sucedia com a 'velha biografia', a nova biografia ocupa-se de indivíduos pertencentes a todos os estratos sociais ou socioprofissionais, e não apenas aos políticos e aos militares célebres”<sup>36</sup>.

Surgem, assim, em Portugal biografias quer de políticos<sup>37</sup> quer de empresários, industriais ou personalidades da cultura, como António José Gomes<sup>38</sup>, Luís Augusto

---

Leitores; JORDAN, Annemarie (2012), *A rainha colecionadora, Catarina de Áustria*, Lisboa, Ciclo de Leitores; CANTÓ, Pilar Pérez, ROMERO, Esperanza Mó, SANTALIESTRA, Laura Oliván (2012), *Rainhas de Portugal e Espanha, Margaria de Áustria, Isabel de Bourbon*, Lisboa, Ciclo de Leitores; VALLANCE, Monique (2012), *A rainha restauradora, Luísa de Gusmão*, Lisboa, Ciclo de Leitores; BRAGA, Isabel Drumond, BRAGA, Paulo Drumond (2011), *Duas rainhas em tempo de novos equilíbrios europeus, Maria Francisca Isabel de Saboia, Maria Sofia Isabel de Neuburg*, Lisboa, Ciclo de Leitores; MIRANDA, Susana Münch, MIRANDA Tiago C. P. dos Reis (2013), *A rainha arquiduesa, Maria Ana de Áustria*, Lisboa, Ciclo de Leitores; BRAGA, Paulo Drumond (2014), *A rainha discreta, Mariana Vitória de Bourbon*, Lisboa, Ciclo de Leitores; VENTURA, António, LYRA, Maria de Lourdes Viana (2011), *Rainhas de Portugal no Novo Mundo, Carlota Joaquina, Leopoldina de Habsburgo*, Lisboa, Ciclo de Leitores; LOPES, Maria Antónia (2011) *Rainhas que o poso amou, Estefânia Hohenzollern, Maria Pisa de Saboia*, Lisboa, Ciclo de Leitores; DURÃES, Margarida (2012), *A rainha mal-amada, Amélia de Orleães*, Lisboa, Ciclo de Leitores; LOPES, Maria Antónia (2013), *D. Fernando II, Lisboa*, Ciclo de Leitores e BRAGA, Paulo Drumond (2013), *D. Pedro III*, Lisboa, Ciclo de Leitores.

<sup>36</sup> Mendes, 1996, p. 419.

<sup>37</sup> Por iniciativa da Assembleia da Republica, muitos historiadores portugueses envolvem-se na elaboração de biografias de destacadas figuras públicas nacionais, publicando-se, entre outros, os títulos: SARDICA, José Miguel (2005), *Duque de Ávila e Bolama: biografia*, Lisboa, Assembleia da República; REVEZ, Ricardo (2015), *António Maria da Silva: o engenheiro da República*, Lisboa, Assembleia da República; MÓNICA, Maria Filomena (1999), *Fontes Pereira de Melo*, Lisboa, Assembleia da República; SOUSA, Fernando (2008), *Félix Pereira da Magalhães: um político do Liberalismo Português (1794-1878)*, Lisboa, Assembleia da República; PIRES, Ana Paula (2011), *António José de Almeida: o tributo da República*, Lisboa, Assembleia da República; NAVARRO, Bruno (2011), *Governo de Pimenta da Castro: um General no labirinto da República*, Lisboa, Assembleia da República; VENTURA,

Rebello da Silva, Braamcamp Freire<sup>39</sup>, José Ferreira Borges<sup>40</sup>, José Vitorino Damásio<sup>41</sup>, Ezequiel de Campos, Calouste Gulbenkian<sup>42</sup> ou José do Canto<sup>43</sup>.

Embora centrados no percurso de vida dos biografados, os novos textos descrevem e documentam o seu tempo e a comunidade alargada a que pertencem. Num comentário relativo à obra *Os Cantos*, de autoria de Filomena Mónica sobre o empresário e bibliófilo José do Canto, da ilha de S. Miguel, sublinha o historiador Rui Ramos:

“É a história do século XIX, do Portugal insular, da crença no progresso e na educação. É uma história de grandes expectativas e de grandes desilusões. Mas além disso, é a história de pessoas: José do Canto, as suas irmãs, a sua mulher, os filhos, os seus amigos. Ouvimo-los falar, quase os vemos viver. É um estudo rigoroso, que não ocultou a matéria que resiste às categorias e explicações do historiador: a vida dos outros, em outros tempos, tal como eles a sonharam e sofreram”.<sup>44</sup>

Entre as marcas da biografia contemporânea sobressai, também, o seu caráter não definitivo, isto é, a história de vida a que se reporta pode ser recontada e reinterpretada. Aliás, como sustenta Richard Holmes<sup>45</sup>, só por via da criação de novas versões, produzidas na sequência da descoberta de outras fontes de interesse e de informação histórica, é que a obra biográfica resiste ao esquecimento, à saída de moda. Enquanto o romance constitui um trabalho acabado e que permanece tal como foi escrito na sua versão original, a nova biografia, ao assentar no pressuposto de um

---

António (2011), *Magalhães de Lima, um idealista impenitente*, Lisboa, Assembleia da República; SARAMA, Maria Alice (2012), *Bernardino Machado: uma vida de luta*, Lisboa, Assembleia da República; FARINHA, Luís (2009), Cunha Leal, deputado e ministro da República, Lisboa, Assembleia da República; e SILVA, Malheiro da, Cordeiro, Carlos, TORRALBA, Luís Filipe (2013), Machado dos Santos (1875-1921): o intransigente da República, Lisboa, Assembleia da República.

Com o patrocínio do Parlamento e coordenação de Fernando de Sousa e Maria da Conceição Meireles Pereira surgiu entretanto nas livrarias (2012) uma obra de síntese biográfica composta por três volumes sob o título *Os Presidentes do Parlamento Português*.

<sup>38</sup> FLORES, Alexandre (1992), *António José Gomes Machado (1847-1909), o homem e o industrial*, Almada, Junta de Freguesia da Cova da Piedade.

<sup>39</sup> TAVORA, Francisco, SOARES, Joaquim, Mourão, Cátia (2011), *Anselmo Braamcamp Freire*, Lisboa, Assembleia da República.

<sup>40</sup> MAGALHÃES, José Maria de Vilhena Barbosa (1960), *José Ferreira Borges, Jurisconsultos Portugueses do século XIX*, Lisboa, Ordem dos Advogados.

<sup>41</sup> ALVES, Jorge Fernandes, VILELA, José Luís (1995), *José Vitorino Damásio e a telegrafia elétrica em Portugal*, Lisboa, Portugal Telecom.

<sup>42</sup> HEWINS, Ralph (2013), *A Biografia de Calouste Gulbenkian*, Lisboa, Texto Editores.

<sup>43</sup> MONICA, Maria Filomena (2010), *Os Cantos, A tragédia de uma família açoriana*, Lisboa, Alêtheia Editores.

<sup>44</sup> MÓNICA, 2010, contracapa.

<sup>45</sup> HOLMES, 2004, pp. 14-17.



questionamento e desenvolvimento constantes, assume um carácter desassossegado que contribui para a permanência na memória coletiva das figuras importantes de uma determinada comunidade.

A forma como, no decurso das várias épocas, mudam as narrativas sobre um mesmo biografado permite, por outro lado, descobrir como a sua reputação se desenvolveu, como mudaram as modas, como evoluíram as atitudes morais ou como se alteraram os padrões de julgamento de uma geração para outra. A variedade de biografias publicadas acerca da mesma personalidade coloca ainda em perspetiva a possibilidade de realização de estudos comparativos, conforme sugere o mesmo autor, concluindo pela importância da biografia contemporânea enquanto instrumento que permite exercitar a empatia e garante a entrada com imaginação num outro lugar, num outro tempo, numa outra vida.

As histórias de vida funcionam, de igual modo, como portas de acesso a momentos decisivos da História, porque no centro deles estão sempre as pessoas, como sustenta Avril Price-Budgen:

“Surgindo por vezes a partir de um simples acontecimento fortuito ou de alterações mais vastas que abalam a sociedade, [as grandes figuras da História] deram um contributo significativo para o desenvolvimento do mundo, tal como hoje o conhecemos. Oriundos de áreas como a religião, a política, ou a ciência o poder das suas convicções, filosofias ou criatividade moldou as sociedades através dos séculos”.<sup>46</sup>

Importa, todavia, que os biógrafos não se percam em "miuçalhas estéreis, que pouco servem para a compreensão do homem e nada adiantam ao conhecimento do clima intelectual e mental da respetiva época"<sup>47</sup>, como adverte Amadeu Carvalho Homem, ao argumentar que "Os homens representativos tendem a resumir, com as pequenas distorções das suas idiossincrasias, os aspetos dominantes do seu tempo".<sup>48</sup> Assim sendo, sustenta o mesmo autor: "o desafio mais instantâneo colocado ao biógrafo que deseje evitar o tropeço nos clássicos vícios positivistas ser o de permanecer atento à

---

<sup>46</sup> PRICE-BUDGEN, 1989, p. 6.

<sup>47</sup> HOMEM, 1989, p. II (preâmbulo)

<sup>48</sup> Ibidem.

diversidade dos vetores intelectuais, morais, sociais e políticos que hajam condicionado, nos vários momentos, as opções do seu biografado".<sup>49</sup>

## 2. Objetivos, fontes e metodologia

Está, assim, delineado o desafio do presente estudo, que tem como propósito central uma análise biográfica, centrada na figura de José Maria Raposo de Amaral. Ao longo dos 63 anos, que percorrem o período de 1856 a 1919, José Maria Raposo de Amaral é um exemplo dos homens cuja história de vida reflete um modo de pensar e de agir plenamente representativa de parte significativa da elite do seu tempo. Apesar do protagonismo versátil que caracteriza a sua intervenção pública e o seu pensamento, ilustrativos da mundividência da sociedade europeia na transição do século XIX para o século XX, a figura deste micalense não mereceu tratamento exaustivo na historiografia local, ressaltando-se a existência dum artigo sobre a sua ação política, da autoria de Carlos Cordeiro, publicado em 1995. Referências à sua intervenção política surgem na tese de doutoramento de José Guilherme Reis Leite, editada no mesmo ano sob o título *Política e Administração nos Açores de 1890 a 1910 - O 1.º Movimento Autonomista*. A sua ação como gestor e empresário particularmente comprometido com a vida da fábrica de álcool de Santa Clara surge, por outro lado, pontualmente referida na obra *Os Açores no Século XIX. Economia, Sociedade e Movimentos Autonomistas*, que Maria Isabel João publica em 1991. Já mais recentemente, num artigo intitulado "O Chá Raposo d'Amaral: contributo para o estudo do chá em S. Miguel", integrado na obra *Percursos da História: Estudos In Memoriam de Fátima Sequeira Dias*, publicado em 2016, Margarida Vaz do Rego Machado reporta-se, igualmente, à sua faceta de industrial. Desta forma, apesar do recente desenvolvimento de estudos sobre a História Contemporânea nos Açores<sup>50</sup> a presente tese visa (re) descobrir a figura de José Maria

---

<sup>49</sup> Ibidem.

<sup>50</sup> Além das citadas, figuram entre as obras de referência para a história contemporânea dos Açores as seguintes publicações e artigos, entre outros: CORDEIRO, Carlos (1990), "Reflexões em torno do Decreto de dois de Março de 1895", in *Insulana*, vol. XLVI (pp. 57-86), Ponta Delgada, Instituto Cultural de Ponta Delgada; CORDEIRO, Carlos (1987), "Liberalismo e descentralização - a Intervenção de Aristides Moreira da Mota", in *Atlântida, Ciências Sociais*, vol. I (pp.25-54), Angra do Heroísmo, Instituto Açoriano de Cultura; CORDEIRO, Carlos (1990), "O Iberismo e os Açores. Notas para uma investigação", in *Revista da História das Ideias*, vol. XII, Coimbra, Universidade de Coimbra; JOÃO, Maria Isabel (1993), "Unidade Nacional Diversidade Regional: O caso dos Açores", in *Discursos Estudos de língua e cultura portuguesa* (pp. 13-28), Lisboa, Universidade Aberta; JOÃO, Maria Isabel (1992), "Reflexões sobre Insularidade e Integração. O caso do arquipélago dos Açores", in *Mare Liberum*, Lisboa; JOÃO, Maria Isabel (1992) "Origens e Causas dos Movimentos Autonomistas Açorianos", in *Boletim do Núcleo Cultural da Horta*, vol. X, Horta, Núcleo Cultural da Horta; LEITE, José Guilherme

Raposo do Amaral, tentando perceber-se se a sua secundarização na ribalta da história regional açoriana é ou não justificada.<sup>51</sup>

---

Reis (1987) "Uma reflexão sobre a autonomia dos Açores", in *Actas da VIII Semana de Estudos dos Açores, A Autonomia como Fenómeno Cultural de Político* (pp.37-49), Angra do Heroísmo, Instituto Açoriano de Cultura; LEITE, José Guilherme Reis (1990) "A Autonomia das Ilhas Atlânticas dos Açores e da Madeira. A experiência açoriana do século XIX", in *Actas do I Colóquio Internacional de História da Madeira* (pp. 388-399), Funchal; SILVA, Susana Serpa (2003), *Criminalidade e Justiça na Comarca de Ponta Delgada. Uma abordagem com base nos processos penais, 1830-1841*, Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada; SILVA, Susana Serpa (2004), "Emigração Clandestina nas Ilhas do Grupo Central por meados do século XIX", in *O Faial e a Periferia Açoriana nos Séculos XV a XX. Actas do III Colóquio*, Horta, Núcleo Cultural da Horta; SILVA, Susana Serpa (2009), "Em torno da visita régia de 1901 aos arquipélagos da Madeira e dos Açores", in *Arquipélago História*, 2.<sup>a</sup> série, XIII (pp. 157-176), Ponta Delgada, Universidade dos Açores; ENES, Carlos (1999) *Açores: a construção da unidade e identidade regional*, Lisboa, Universidade Aberta; ENES, Carlos (1994), *A Economia dos Açores entre as duas guerras mundiais*, Lisboa, Salamandra; RILEY, Carlos (1995), "As ilhas e a abertura da fronteira atlântica", in *Arquipélago História*, 2.<sup>a</sup> série, n.º 2, Ponta Delgada, Universidade dos Açores; SOUSA, Paulo Silveira e (2016) "Os Governadores Civis do Distrito de Angra do Heroísmo", in *Povos e Culturas*, n.º 21 (pp. 315-343), Lisboa, Universidade Católica Portuguesa; SOUSA, Paulo Silveira e (2016), "Manuel Inácio Brum do Canto e Salvador Manuel Brum do Canto: os açorianos e os seus descendentes entre as elites do Estado e da política (1834-1926) in *Boletim do Núcleo Cultural da Horta*, vol. 24 (pp. 165-178), Horta, Núcleo Cultural da Horta; SOUSA, Paulo Silveira e (2013), "Emigração e reprodução social nos Açores durante a segunda metade do século XIX, o caso da ilha de S. Jorge", in *Demografia das sociedades insulares portuguesas, séculos XV a XX* (pp. 237-269), Porto, CITCEM; COSTA, Ricardo Madruga (2012), *A ilha do Faial na logística da frota baleeira americana do "Século Dabney"*, Lisboa, Universidade Nova/Universidade dos Açores; COSTA, Ricardo Madruga (2017), *Os dias de Charlie nas Western Island - as ilhas do Faial e do Pico na visão de um turista americano a meados do século XIX*, Horta, Núcleo Cultural da Horta; COSTA, Ricardo Madruga (2010), "O pulsar truculento do Atlântico", in *Os Dabney, uma família americana nos Açores*, Lisboa, Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento e TELO, António José (1993), *Os Açores e o controlo do Atlântico (1898-1949)*, Lisboa, Edições ASA.

<sup>51</sup> Entre os estudos de cariz biográfico publicados nos Açores contam-se os seguintes: LEITE, José Guilherme (1978), *Os Fisher, esboço histórico de uma família açoriana*, Angra do Heroísmo, Instituto Histórico da Ilha Terceira; LEITE, José Guilherme (1988), "José Agostinho autonomista", in *Boletim do Instituto Histórico da ilha Terceira*, vol. XLVI (pp. 49-59), Angra do Heroísmo, IHIT; LEITE, José Guilherme (1990), "O historiador António Ferreira de Serpa. A biografia possível", in *Boletim do Núcleo Cultural da Horta*, vol. IX (pp.23-50), Horta, NCH; COUTINHO, Alcino Bettencourt dos Santos (1960), "Dr. Dinis Moreira da Mota", in *Insulana*, vol. XVI (pp. 183-191), Ponta Delgada, Instituto Cultural de Ponta Delgada; CARREIRO, José Bruno (1955), *Vida de Teófilo de Braga. Resumo cronológico*, Coimbra, Coimbra Ed.; CARREIRO, José Bruno (1948), *Antero de Quental. Subsídios para a sua biografia* (2 volumes), Lisboa, Instituto Cultural de Ponta Delgada; SOUSA, Fernando Aires de Medeiros (1982), *José do Canto, subsídios para a história micaelense (1820 a 1898)*, Ponta Delgada, Universidade dos Açores; VILHENA, Maria da Conceição (1987), *Alice Moderno, a mulher e a obra*, Angra do Heroísmo, Secretaria Regional da Educação e Cultura; LUZ, José Luís Brandão (2013), "Sena de Freitas e as viagens ao serviço da cultura e da religião", in *Insulana* n.º 69 (pp. 105-126), Ponta Delgada, Instituto Cultural de Ponta Delgada; LUZ, José Luís Brandão (2013), "Manuel Pereira de Medeiros (Resendes Ventura): Marcas de uma vida" in *Insulana* n.º 69 (pp.227-236), Ponta Delgada, Instituto Cultural de Ponta Delgada; LUZ, José Luís Brandão (1999), "Eugénio Pacheco e a sua polémica com Miguel Bombarda", in *Actas do Colóquio Comemorativo dos 450 Anos da Cidade de Ponta Delgada*, Ponta Delgada, Universidade dos Açores; LUZ, José Luís Brandão (1996), "O homem e a história em Gaspar Frutuoso", in *Revista Portuguesa de Filosofia*, vol. 52, Universidade Nova; LUZ, José Luís Brandão (1994), *Teófilo Braga : uma filosofia do aplauso*, Braga, Universidade do Minho. RODRIGUES, João Bernardo de Oliveira (1982), "Dr. José Bruno Carreiro", in *Insulana*, Ponta Delgada, Instituto Cultural de Ponta Delgada; GREGÓRIO, Rute Dias (2002) "Algumas considerações sobre a sociabilidade nas Ilhas : Pero Anes do Canto e os Corte Real (1505-1518)", in *Arquipélago História*, 2.<sup>a</sup> série, vol. 06 (pp.33-51), Ponta Delgada, Universidade dos Açores; RILEY, Carlos Guilherme (1999) "Um discípulo açoriano de Mahan : Alfredo Botelho de Sousa : subsídios para o estudo da sua vida e obra", in *Arquipélago História*, 2.<sup>a</sup> série, vol.3 (pp.433-445), Ponta Delgada, Universidade dos Açores; RILEY, Carlos Guilherme (2001),

A responsabilidade por esta menorização talvez não seja de cariz historiográfico, podendo antes ser atribuível ao facto do próprio José Maria Raposo de Amaral ter preferido a sombra às luzes da ribalta, optando por um percurso de relevância de bastidores. Certamente, para lá da base familiar, a passagem por Coimbra foi fundamental na consciencialização dos desafios da época, agudizada pelas viagens que fez pela Europa e pelos relacionamentos que foi estabelecendo com as mais importantes figuras da hierarquia portuguesa - dos líderes de Governo José Luciano de Castro (seu correligionário) a Hintze Ribeiro e João Franco - a todos desafiando sempre que entendia estar em causa os interesses da sua terra. Em nome desse objetivo estabeleceu alianças locais com dirigentes de outras tendências partidárias, participando ativamente no primeiro movimento autonómico ao lado, por exemplo, de Aristides Moreia da Mota, Gil Mont' Alverne Sequeira ou Caetano Andrade Albuquerque.

Na condição de dirigente progressista micaelense, a quem foi dado viver a transição do regime monárquico para o republicano, assumiu funções como a de Presidente da Câmara Municipal de Ponta Delgada e a de Governador Civil do distrito composto pelas ilhas de São Miguel e de Santa Maria e a sua ação revelou-se determinante para a aprovação e aplicação do primeiro diploma de autonomia administrativa dos Açores - o decreto de 2 de março de 1895, assinado por um seu conterrâneo e contemporâneo, Hintze Ribeiro.

A par de uma vida política particularmente ativa, José Maria ocupar-se-á de múltiplas e diversificadas tarefas de cariz económico, em que sobressaem as ligadas à terra e ao fomento industrial: promoveu a produção de chá e dirigiu a fábrica de álcool de Santa Clara ao longo de todo o período de funcionamento da maior unidade de um sector cuja atividade se revelaria crucial no combate aos problemas económicos criados à mais populosa ilha açoriana pelo declínio a produção e exportação de laranja. Quando problemas de mercado faziam prever o fim da produção de álcool, liderou o processo de transição para o fabrico de açúcar de beterraba, que ainda hoje se mantém. Integrou a *Sociedade Promotora da Agricultura Micaelense* (uma instituição cuja ação se distinguiu pelo lançamento de produções pioneiras no país), criou uma associação de avicultura, impulsionou a exportação de produtos açorianos para o exterior e promoveu o povoamento piscícola das lagoas das Sete Cidades, Furnas e Fogo.

---

"José do Canto : retrato de um cavalheiro na primavera da vida", in *Arquipélago História*, 2.<sup>a</sup> série, vol. 5, (pp. 211-264), Ponta Delgada, Universidade dos Açores.

Na atividade empresarial e política os seus caminhos cruzaram-se ao longo de décadas com importantes grupos de famílias como os Bensaúde e Canto, privando com outras das principais figuras da elite social e económica micaelense da época, nomeadamente os marqueses da Paria e Monforte e de Jácome Correia, os Visconde de Botelho e do Porto Formoso e o Barão da Fonte Bela.

Herdeiro de uma casa fundada na segunda metade do século XVIII pelo bisavô Nicolau Maria Raposo d' Amaral contribuiu largamente para o reforço do património familiar, seja pelos investimentos que promoveu - aquisição de terras e participação no capital de empresas industriais - seja pelo seu próprio casamento, em 1879, com Maria das Mercês Fisher Berquó Poças Falcão. Pela via do matrimónio. o "Senhor do Colégio", como era popularmente conhecido em virtude da residência e escritórios da família ocuparem o antigo Colégio dos Jesuítas, adquirido na sequência da decisão do Marquês de Pombal de extinguir as ordens religiosas e de transferir para o Estado a titularidade dos respetivos bens, alargou também o seu peso político, passando a contar com o apoio de dois cunhados influentes - Luís Poças Falcão, jurista de topo e parlamentar que chegou a ocupar o cargo de presidente da Câmara de Deputados e Guilherme Poças Falcão, figura destacada do Governo Civil, seu fiel companheiro das lutas partidárias e que o sucedeu, por exemplo, na presidência da Câmara de Ponta Delgada.

Mas não só em grandes figuras e aliados influentes assentava o seu poder: Raposo de Amaral cultivava uma permanente ligação a uma vasta rede de colaboradores alargada às diversas localidades das ilhas de S. Miguel e Santa Maria com os quais se correspondia e a cujos pedidos procurava dar resposta. E eram muitos os que se lhe dirigiam com as mais diversificadas súplicas - de empregos à isenção do serviço militar, da atribuição de pensões a promoções a carreiras públicas. Era aliás esse conjunto de agentes distribuídos por freguesias urbanas ou por pequenas localidades de S. Miguel e Santa Maria que mobilizava com eficácia sempre que queria afirmar a sua vontade política seja no plano local seja no nacional, tanto em eleições como em ações de intervenção social.

O senhor do Colégio não descurava, por outro lado, a componente da promoção associada à visibilidade social, sendo regular a sua presença em procissões religiosas, casamentos e batizados, assim como a ajuda aos necessitados, quer em situações de calamidades quer em períodos de normalidade - a mulher, Maria das Mercês, organizava, por exemplo, quermesses a favor dos pobres.

A diversidade da atividade do nosso biografado, em articulação com os laços afetivos, políticos, sociais e económicos que vai estabelecendo, espelha-se nas múltiplas fontes que consultámos. De carácter biográfico, o presente trabalho procura seguir o seu percurso de vida, recorrendo, principalmente à consulta da vasta correspondência entregue pelos respetivos herdeiros à guarda da Universidade dos Açores.

A leitura e cruzamento dos conteúdos dos milhares de cartas que escreveu ao longo de toda a vida, assim como, pontual e complementarmente, de correspondência de terceiros a cuja ação surge associado, constitui a fonte basilar deste trabalho de carácter essencialmente biográfico. O confronto com o que escreveu permitiu traçar-lhe um percurso de vida, que não sendo o único possível abre, pelo contrário, caminho à realização de outras pesquisas e à formulação de diferentes leituras. A sua elaboração não constituiu uma tarefa fácil, obrigando uma tal pesquisa à consulta exaustiva de cerca de 40 grossos volumes de cartas manuscritas, algumas das quais de difícil leitura. A inexistência de um detalhado catálogo temático tornou indispensável à leitura de todas as cartas, cujo conteúdo se revelaria, porém, útil para apurar muitos dos pormenores de vida da família Raposo de Amaral (da alimentação ao vestuário e aos gostos e peripécias do quotidiano). A ausência de uma ordem cronológica no registo da vária correspondência pelos copiadores - cartas de períodos diferentes e datadas com décadas de intervalo entre si surgem arquivadas no mesmo tomo - complicaram em muito a pesquisa, obrigando a um esforço de constante reflexão sobre as ocorrências referidas. A desorganização temporal do registo em causa, atribuído pelo próprio em carta a biografado, a um dos seus correspondentes ao facto de dispor de copiadores dispersos por várias das casas em que se instalava a longo do ano, determinaria também a necessidade de uma cuidada atenção à organização cronológica final de milhares de anotações. Além da correspondência agrupada em copiadores, procedeu-se, também à consulta de dezenas de escritos avulso que integram o espólio da família Raposo de Amaral entregues à guarda da academia açoriana e ainda por catalogar, tendo sido igualmente objeto de consulta os arquivos da família Canto e de Gil Mont' Alverne de Sequeira existentes na Universidade dos Açores.

Para a elaboração do presente trabalho tornou-se igualmente indispensável a consulta da imprensa da época, disponível na Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada, e de documentação variada aí também depositada, a qual se revelou necessária ao apuramento de contexto explicativo para algumas das decisões tomadas

pelo biografado, caso, por exemplo, da posição radical adotada em matéria de prevenção de eventuais epidemias.

Para evitar qualquer contaminação da fonte primária - décadas de correspondência remetida por José Maria Raposo de Amaral a numerosos destinatários de estratos sociais diversificados e vivendo em lugares igualmente diferentes - optou-se por estudar a época em que viveu em primeiro lugar pela leitura do que escreveu, procurando limitar-se as pesquisas posteriores e em outras fontes ao estritamente necessário à compreensão e contextualização do pensamento e ação respetivos.

Entendeu-se que, pela sua natureza, este trabalho não deveria constituir muito mais do que uma narrativa sobre a vida de um dos protagonistas da história da ilha de S. Miguel na viragem do século XIX para o seguinte. Assim, o presente estudo desenvolve-se em quatro capítulos: os três primeiros - Um homem de família (I), Monárquico e autonomista (II) e A agro-indústria e outros negócios - têm como fonte principal (insiste-se!) a vasta correspondência legada, assumindo, por isso, contornos de uma espécie de autobiografia não autorizada, e o último - Rico mas socialmente comprometido (IV) - , procura apurar, com recurso à imprensa e ao que escreveu, a opinião que tem dos que com ele se relacionaram e o que dele fixaram seus contemporâneos.

Assumimos, desde já, a disparidade volumétrica entre estes capítulos, mas o fio da teia foi tecido respeitando o próprio percurso de José Maria Raposo do Amaral, cuja vida privada, familiar e pública se (con)funde. Acreditamos, pois, que a narrativa do que foi a sua vida se assume, neste contexto, como mais uma das ferramentas que poderá contribuir para a perceção da efervescência que caracteriza o último quartel de Oitocentos e as primeiras duas décadas do século XX na ilha de S. Miguel e, por esta via, a dinâmica do país e da Europa do seu tempo. Com efeito, num espaço temporal de menos de cinquenta anos, a Humanidade assistiria a profundas mudanças: a industrialização abriu caminho à produção em massa, ao desenvolvimento das cidades e ao encurtamento das distâncias, seja pela introdução do comboio, do barco a vapor, do automóvel e do avião. Foram décadas marcadas por uma constante disputa e definição de fronteiras na Europa, acompanhada da promoção e afirmação de nacionalismos que acabariam por dar lugar a um dos mais violentos conflitos da sua História, a Grande Guerra. E José Maria Raposo do Amaral acompanha tudo isto.